

EUGENIO COSERIU NO QUADRO DA LINGÜÍSTICA MODERNA

EUGENIO COSERIU IN THE SCENARIO OF MODERN LINGUISTICS

Carlos Eduardo Falcão Uchôa
Universidade Federal Fluminense
cefuchoa@gmail.com

RESUMO:

Os fundamentos essenciais da ideologia linguística de Eugenio Coseriu. A repercussão de sua obra no Brasil. A mudança que ela representou em relação à de Ferdinand de Saussure. O amplo conceito de competência linguística em três níveis: o universal, o histórico e o individual. O falar concreto como base para todas as manifestações da linguagem. As obras mais representativas de Coseriu para o conhecimento de seu pensar sobre a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE:

Competência linguística; coerência teórica; atividade criadora.

ABSTRACT:

The essential foundations of Eugenio Coseriu's linguistic ideology. The repercussion of his work in Brazil and the changes it represented in relation to that of Ferdinand de Saussure. The broad concept of linguistic competence at its three levels: the universal, the historical and the individual one. Concrete talk as the basis for all manifestations of language. The most representative Coseriu's contributions for the knowledge of his thought about language.

KEYWORDS:

Linguistic competence, theoretical coherence, creative activity.

Eugenio Coseriu (1921-2002), nascido na Romênia e falecido na Alemanha, é uma das figuras de maior expressão da Linguística moderna, reconhecimento este que tem o respaldo de vários cientistas da linguagem de diversos países. Sua obra, das mais densas, extensas e abrangentes no cenário dos estudos do fenômeno linguístico no século XX, tem, desde o início de sua produção acadêmica, nos anos de 1950, a marca de um pensador, que irá constituindo,

com base em segura formação, haurida na leitura de grandes teóricos da filosofia e da linguagem, desde os gregos, um corpo de doutrina caracterizado por rara unidade de coerência teórica.

O eminente linguista mexicano Juan M. Lope Blanch, numa nota à edição de *Introducción a la Lingüística*, publicada pela Universidad Autónoma do México, em 1981, já reconhecia:

Treinta años después (a 1ª edición é de 1951), conserva todo su valor, cosa singular en nuestra época, proclive a improvisaciones y a las rectificaciones o los repudios conseguintes. Lo que há sido bien concebido y bien hecho mantiene su lozanía a través de los años. Es el caso de esta obra. Por ello, el Centro de Lingüística Hispánica la reedita ahora, como testimonio de la validez de la doctrina lingüística expuesta por Eugenio Coseriu en su entonces ya madura juventud. (COSERIU,1990)

Em 1993, o linguista espanhol Antonio Vilarnovo Caamaño, professor de Teoría del discurso, na Universidade de Navarra, em obra, “Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu”, fruto de minuciosa pesquisa sobre parte da obra do autor, releva outra importante diretriz sobre o valor da produção intelectual coseriana:

Al mismo tempo, desde o el punto de vista de las relaciones entre la tradición y la modernidade en la ciência, la obra de Coseriu pose ela difícil y preciosa cualidad de presentar viejos problemas y viejas soluciones en relación con los problemas y soluciones actuales, mostrando vínculos reales entre unos y otros. (CAAMAÑO, 1993)

Não sem razão, pois, Coseriu tinha uma privilegiada competência para uma visão bem fundamentada sobre o desenrolar das ideias linguísticas até fins do século passado, uma visão abrangente dos vários saberes metalinguísticos ou modos de focalizar a linguagem, combatendo sempre a dogmatização deste saber, ou seja, tomar-se o que é apenas certo tipo de saber como o saber mesmo sobre a linguagem, como paradigma da ciência. O linguista romeno insistia, então, na complementariedade necessária desses saberes e, portanto, no reconhecimento da validade de cada um deles.

O significativo prestígio acadêmico de Coseriu, reconhecimento inequívoco do valor dos cursos e palestras ministrados em numerosos países e da sua produção incessante ao longo de cinquenta anos, espraiou-se mundialmente,

tendo recebido o título de doutor *honoris causa* de mais de quarenta universidades de tradição e peso acadêmico.

Suas publicações abrangem praticamente todas as áreas da investigação linguística: a filosofia da linguagem, a teoria da linguagem, a metodologia da linguagem, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica, a lexicologia, a gramática, a linguística do texto, a dialetologia, a sociolinguística, a estilística, a teoria da tradução, a política linguística, a história linguística. Com a copiosa exemplificação apresentada, revela-se um respeitável indo-europeísta e sobretudo um seguro romanista.

De outra perspectiva, pode-se dizer com segurança que a sua obra cobre os cinco núcleos fundamentais da linguística contemporânea: a competência, a língua, o texto, a variação e a mudança, com importantes estudos sobre cada um deles.

O próprio Coseriu confessa que o seu interesse pela Linguística nasceu do seu interesse pelas línguas e suas respectivas literaturas. Sentia a necessidade de ler os textos literários na língua em que originariamente foram escritos. Dominava, falando muitas delas, as línguas românicas (manifestava-se fluentemente em português), as eslavas, o inglês, o alemão, o grego, e iniciou-se no japonês.

Sua profícua obra (com mais de 50 livros) foi publicada em diversas línguas, inclusive em japonês. A maior parte de seus escritos pode ser lida, o texto original ou o traduzido, mormente em italiano, em alemão e em espanhol, nesta última, acolhida, em muitos volumes integrantes da prestigiosa Biblioteca Românica Hispânica, da Editorial Gredos.

O ideário linguístico de Coseriu, em sua abrangência, é pouco conhecido no Brasil, apesar de sua longa permanência, de 1951 a 1962, na vizinha Montevideu, onde formou um grupo expressivo de linguistas ao seu redor, com a publicação de já esclarecedores ensaios. Tal permanência proporcionou-lhe vir ao Brasil várias vezes para diversos eventos, quando teve a oportunidade de entrar em contato com muitos filólogos e linguistas nossos como Mattoso Câmara, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes, entre outros. Apesar de ainda, nas décadas dos anos 80 e 90, ter ministrado cursos e palestras em várias universidades brasileiras, tornando-se doutor *honoris causa* da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Na primeira, contou com um pequeno grupo de professores a divulgar a sua obra, a publicar sobre ela e a orientar dissertações e teses com base em fundamentos de sua teoria. Apesar, enfim, de ter traduzidas oito de suas publicações para o português. Uma delas, assinale-se, *Lições de linguística geral* (1980, traduzida

do italiano por Evanildo Bechara) teve uma acolhida expressiva, embora longe de poder representar um arcabouço mais global da ideologia linguística cose-riana, pois a primeira edição dela data de 1973, *Lezione di linguística generale*, quando ainda longe estava de ter desenvolvido cabalmente a sua abrangente teoria sobre o universo verbal.

No nosso país, o famoso ensaio “Sistema, norma e fala”, ensaio que integra a obra *Teoria da linguagem e linguística geral* (tradução brasileira de 1979 do texto espanhol, de 1962) é que se tornou de fato bem conhecido. Nele Coseriu desenvolveu a sua proposta teórica de norma nas preocupações da linguística descritiva, a contrapor-se à concepção tradicional de norma identificada com a prescrição gramatical. Este conceito de “norma normal” pertence hoje à Linguística. Já aqui, distinguindo entre língua, sistema funcional, e norma, sistema normal, Coseriu se afasta de Saussure, que opunha apenas a *langue* à *parole* (fala, discurso).

O mestre genebrino não considerou o nível ainda abstrato da norma, que vem a ser aquilo que se diz habitualmente numa comunidade, um modo de agir verbal. Mas é a língua, como sistema funcional, que se apresenta como um sistema de possibilidades, logo sistema na sua condição de saber criativo, que irá permitir ao falante desrespeitar o uso fixado, particularmente quando o intento expressivo se torna altamente elaborado na criação estética, promovendo, na feliz expressão de Manoel de Barros, os versos “Porque eu não sou da informática/ eu sou da invencionática” (Barros, 2003, IX). Graças a tal conceito de língua como sistema de possibilidades, tão bem fixado por Coseriu, fica mais fundamentada a noção de que saber uma língua não é só saber o que se diz, mas também saber o que possa ser dito.

Mas o ideário coseriano, por parte certamente de muitos estudiosos brasileiros, parece ter ficado mais restrito, em geral, a apenas este ensaio, em meio a uma produção vastíssima e abrangente de livros, conferências, artigos e resenhas, como a de poucos linguistas.

Como explicar tal fato? perguntam muitos que se dedicam ao estudo da linguagem entre nós. Houve várias razões, pensamos nós, que atuaram. Seus primeiros livros entre nós, publicados pela editora Presença (RJ), são dos fins da década de 70, quando a Linguística já se mostrava mais vivamente interes-sada pela Sociolinguística e pelo estudo do texto, embora Marcuschi, em obra de 1983, já se refira à publicação então recente de Coseriu em alemão sobre *A Linguística do Texto*, de 1980. As obras do linguista romeno editadas entre nós reuniam, cada uma delas, um conjunto de ensaios sobre diversos temas, ainda

que muito importantes, de teoria e metodologia linguística, o que certamente não atraía os leitores, a não ser para um ou outro destes ensaios. Por eles, todavia, não se configurava ainda claramente as diretrizes centrais de seu pensamento. Só a citada *Lições de linguística geral* dedicava uns poucos e abreviados capítulos sobre alguns fundamentos essenciais do que ainda viria a se constituir numa sólida teoria da linguagem. Obra, já o dissemos, que se tornou bem divulgada em nosso meio acadêmico, mas muito esquematicamente estruturada no tocante aos princípios essenciais da teoria de Coseriu.

A produção dele, intencionalmente direcionada a fundamentar uma teoria abrangente sobre a linguagem verbal, ainda viria a contrapor-se ao gerativismo então em voga, em seus sucessivos modelos. Certamente isto teve o seu peso no considerar-se apressadamente o linguista romeno como mais um estruturalista (já então fortemente repudiado entre nós), um mero continuador do ideário saussuriano, em suma, um linguista afastado das preocupações linguísticas do seu tempo. Teve certo peso ainda, reconhecemos, poucos textos de Coseriu serem publicados em inglês, que se tornara, em nosso país, a língua mais presente das novas contribuições que iam surgindo sobre Linguística.

Iniciador, sem contestação, da Linguística moderna, Saussure, com o seu *Curso de linguística geral* (1916), continuou, é certo, irradiando a importância de suas elucubrações sobre a linguagem, mencionado por linguistas das mais diferentes orientações teóricas. Cabia aos linguistas seus sucessores interpretar com rigor o seu pensamento, alterando ou sugerindo-lhe desenvolvimentos. Decorridos mais de 100 anos da publicação do *Curso*, poucos linguistas terão cumprido tal tarefa, como leitor atento, assíduo e perspicaz de Saussure quanto Coseriu, que, em ensaio significativamente intitulado *O meu Saussure* (1997, p.5), explicita:

Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto de Saussure do saussurianismo “ortodoxo” [entendido por Coseriu como repetição, confirmação e aplicação do dito por Saussure]; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contato permanente com Saussure, e não sem Saussure, e muito menos contra Saussure.

Não se negue, contudo, que Coseriu se apresenta como um estruturalista – era a teoria dominante então nos de 1950 – em algumas de suas importantes obras e ensaios, como os dos anos 50, a exemplo de “Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje” (1954) e “Sincronia, diacronia e historia. El problema de

cambio linguístico” (1958). Amplia mesmo o campo descritivo estruturalista, como em “Princípios de semântica general” (1976).

Coseriu, no entanto, evidencia, ao longo de sua extensa obra, o dever da Linguística de ir além do estruturalismo, portanto, além de Saussure, propondo para tanto “uma linguística integral”, nela integrando tudo o que a teoria estrutural exclui. Acerca dos limites do estruturalismo, escreveu o pertinente ensaio “Au-delà du structuralisme” (1982).

De modo que com Coseriu se ultrapassa o estruturalismo, e mais, se dá uma mudança muito significativa em relação à doutrina saussuriana, ao contrário do que tantos estudiosos brasileiros parecem manifestar, deixando de ter como objeto apenas o estudo da língua, sistema abstrato.

Defende ele então uma tricotomia primária fundamental no abordar o falar como objeto de reflexão da linguagem, correspondente a três níveis linguísticos: o nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível individual de uma fala concreta. Claro que cada um destes três níveis só têm autonomia teoricamente, no plano do entendimento, já que, no plano real, são indissociáveis na fala.

Evidencia-se pois com Coseriu esta mudança diríamos radical mesmo em relação ao ideário de Saussure: o conceito de competência linguística se amplia consideravelmente, com o reconhecimento da existência dos três níveis do falar. Passamos a contar então com uma linguística do falar (nível universal), uma linguística da língua (nível histórico) e uma linguística da fala ou do discurso (nível individual).

Ante tal tricotomia, Coseriu inverte um bem conhecido postulado saussuriano, qual seja, o de partir-se da língua, vale dizer, o de explicar o falar do ponto de vista da língua. Para ele, ao contrário, deve-se sempre partir da atividade verbal do falante para as outras formas de linguagem. A língua corresponde a “momento historicamente objetivo do falar”. De modo que o falar concreto será sempre tomado com referência para a linguagem, ou seja, o falante, ainda que por intuição, é o ponto de partida para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre a linguagem.

O linguista romeno evidencia assim que o falar, o saber prático de que os falantes fazem uso, em sua atividade cognoscitiva e comunicativa, não se reduz apenas ao conhecimento das regras de uma língua determinada, mas comporta três níveis de conhecimento manifestados sempre em cada ato de fala: um nível universal, um nível histórico e um nível individual. Lembra Coseriu (1980, p.91): “A linguagem é uma atividade humana *universal que se realiza*

individualmente, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas (“línguas”).”

Cada um destes três níveis comporta saberes, competências e conteúdos distintos. Assim, no nível universal, tem-se o saber elocucional ou competência linguística geral: é o saber falar em geral, o saber falar segundo os princípios que se aplicam normalmente a todas as línguas, independente de como se apresentem estruturadas. É o falar de acordo com os princípios universais do pensamento e com o conhecimento geral que o homem tem das coisas do mundo. Logo, o falar deve levar em conta não apenas um saber linguístico, mas também um conhecimento do mundo.

No nível histórico tem-se o saber idiomático, ou competência linguística particular: é o saber falar uma língua determinada, ter o domínio das regras que permitem a produção e a compreensão de textos nesta língua, em qualquer de suas variedades.

Por fim, no nível individual, já se tem o saber expressivo ou competência textual: é o saber estruturar textos em situações comunicativas determinadas, segundo os fatores gerais do falar: o falante, o destinatário, o objeto do que se fala e a situação.

Estes três níveis do saber linguístico vão comportar diferentes tipos de juízo sobre o falar ou o desempenho linguístico de qualquer falante. No nível universal, a não conformidade com o saber elocucional corresponde ao juízo de incongruente, como na desconexão semântica presente na frase “Há uma grande diferença entre os candidatos à matrícula e as vagas na escola”, em que a diferença a que se quer aludir na frase é evidentemente entre o número de candidatos e o de vagas.

No nível histórico, a ocorrência de uma forma que não se reporta à fala habitual de determinado segmento social de uma língua, a não conformidade, pois, com certo saber idiomático, corresponde ao juízo de incorreto, como a construção “As moça bonita”, no discurso de uma pessoa de quem não se espera, pelo seu nível social, a falta de concordância nominal que abranja os termos “moça” e “bonita”.

Por fim, no nível individual, a presença de forma ou expressão que venha causar estranheza em certas circunstâncias, por envolver certa situação, certo destinatário ou certo objeto sobre que se fala, em suma, a não conformidade com o saber expressivo ou textual, corresponde ao juízo de inadequado. Em “far-se-á o possível para ratificar a sua avaliação”, teremos uma construção inadequada a qualquer situação de informalidade, ou de não monitoramento.

Os três níveis que o amplo conceito coseriano de competência linguística comporta vão se distinguir ainda quanto aos conteúdos. No plano do falar se terá a designação, ou seja, a relação entre uma expressão linguística e um “estado de coisas”, entre signo e “coisa” designada (1980, p.99), independente da língua. A designação, através de um signo, não se identifica, pois, com a “coisa” designada, que pertence ao mundo extralinguístico. Só mencionando, por exemplo, o signo “laranja”, referente a determinada fruta, é que se tem designação. A fruta em si é mera “coisa” do mundo real.

No plano histórico das línguas já se terá o significado: conteúdo de uma expressão enquanto dado numa determinada língua. Assim, quem sabe português entende, porque sabe português, que “azul-marinho” corresponde a um nome de cor, que pode, através de outro significante, significar tal nome de cor em outra língua, ou simplesmente não existir tal significante.

Por fim, no plano individual da fala ou discurso, se terá o sentido como o conteúdo próprio de uma forma linguística, através da designação e do significado. Será pelo sentido que o falante, em cada situação, expressa atitudes, opiniões ou intenções. No dia a dia, as pessoas deixam de entender, tantas vezes, o que se diz precisamente, porque não apreendem o sentido do que se diz. Daí ser frequente a indagação “o que você está querendo dizer?”. Num enunciado com propósito pilhérico, em que se fale “Lá vem o gordinho”, para se reportar a uma pessoa muito magra, pode-se perceber com mais clareza a importância da distinção entre significado e sentido. A pilhéria já é um sentido proporcionado pelo texto. Na linguagem literária, caracterizada por um intento estético, a noção de sentido adquire, então, relevância essencial para a compreensão dos textos. Costuma-se então dizer que é uma linguagem essencialmente conotativa.

O estudo da tradução, campo de investigação linguística tão importante, é um dos objetos da linguística do texto, e não da linguística das línguas. Só se traduzem, na verdade, textos: este é o princípio básico de que depende qualquer teoria da tradução. Nela, deve se expressar um mesmo conteúdo textual (ou seja, o sentido) em línguas diferentes. Uma oração como “Bons ventos o embalem” que manifesta a função textual de desejo, através da categoria idiomática do subjuntivo, ao ser traduzida para uma outra língua deve ter este sentido mantido, não importa se através ou não da mesma categoria idiomática do português, em que outros valores textuais ou sentidos – conselho, ordem, convite...– podem também atualizar-se nos textos, na dependência dos contextos, como categorias textuais. Coseriu escreveu um percuciente ensaio sobre a tradução: “Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción” (1977, pp.214-230).

Evidencia-se pois de todo que a fala deve ser considerada como um marco fundamental da teoria linguística de Coseriu, que assim se afasta de Saussure, que defendia, como arauto do estruturalismo, que o estudo da linguagem deveria partir da língua, sistema abstrato. Deste modo, reiteramos que o linguista romeno não pode nem deve ficar conhecido na história da Linguística como um estruturalista, a não ser em algumas obras iniciais.

Na profícua produção escrita de Coseriu, podemos, para uma compreensão dos postulados essenciais de sua teoria sobre a linguagem, destacar os seguintes textos: os ensaios “Sistema, norma y habla”, “Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje” e “Determinación y entorno”, constantes da obra *Teoría de lenguaje y lingüística general: cinco estudios*, edição inicial de 1962; *Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar*, de 1992 e *Lingüística del texto: introducción hermenéutica del sentido*, de 2007, sendo de 1980 a primeira edição em alemão.

Para Coseriu, o falante se apresenta como medida de todas as coisas, reconhecendo, mesmo que por intuição, o falar em seus três níveis. Por outro lado, destaca Coseriu (1980, p.92):

a linguagem se realiza, certamente, de acordo com saber adquirido como tal (“aprendido”) e se apresenta sob forma de fatos objetivos ou “produzidos”, mas, consoante célebre caracterização formulada em termos aristotélicos por W. von Humboldt, não é essencialmente (...) coisa feita, “produto”, e sim (...) atividade criadora (atividade que vai além de sua própria (...) “potencialidade”, isto é, além da técnica “aprendida”).

Deste modo, dentro desta ordem de ideias, é que Coseriu, já em 1956, publica, reeditado em 1962 pela Gredos, com mais quatro ensaios, um dos seus textos fundamentais (“Determinación y entorno”) para a época em que foi escrito e para a própria elaboração de sua teoria linguística, postulando uma “linguística do falar” concernente, como vimos, ao nível universal da linguagem, assentada em certos princípios bem fixados. Estes princípios são os seguintes:

1. Consideração da linguagem (ato linguístico) como ação;
2. consideração da situação comunicativa.

Portanto, para Coseriu, a linguagem é antes de tudo uma atividade (enérgeia), um fazer livre e finalístico, e são os atos linguísticos concretos as

manifestações linguísticas primeiras, de modo que estes modos de fazer se convertem em modelos para um fazer linguístico posterior: neste sentido, os atos linguísticos são o fundamento da língua e do saber linguístico.

A situação comunicativa também é estudada por Coseriu, que estabelece uma classificação detalhada dos tipos de contextos e das operações de determinação dos signos linguísticos (localização das coisas). Também leva ele em conta o emissor, o receptor, visto que a essência da linguagem se dá no diálogo. Assim é que este ensaio citado de Coseriu pode, como reconhece Caamaño (1993, p.275-6), dar luzes ainda hoje para os estudos da pragmática, embora siga sendo necessária uma linguística do falar.

É inconcebível, pois, profundamente redutora, a crítica que vê em Coseriu um estruturalista. Crítica que revela o desconhecimento de suas mais importantes ideias, expostas ao longo sobretudo das obras que acima assinalamos. A base de sua teoria linguística é a compreensão da linguagem como atividade produtiva e, pois, criativa. Em outras palavras, como algo que se faz, e não como algo feito e acabado, repetindo o aprendido. Considera ele mesmo um erro estudar a linguagem pela perspectiva da língua; ao contrário, defende, deve-se partir do falar concreto.

A língua, na verdade, se acha toda contida na fala, mas a fala não se acha toda contida na língua. Os contextos coparticipam dos atos de fala, não da língua como sistema. O valor básico, por exemplo, de um diminutivo em português é o de “diminuição objetiva”, que metodologicamente irá poder explicar todos os múltiplos valores expressivos do diminutivo ocorrentes nos textos: carinho, ironia, desprezo... Portanto, a fala tem muito mais possibilidades do que a língua, pois nos comunicamos através de textos, ainda que constituídos de uma só palavra, proferida então com um intento comunicativo próprio (sentido), que lhe confere o *status* de texto. Os sentidos ou acepções textuais são sempre então mais variáveis do que os significados da língua, possíveis estes por isso mesmo de serem dicionarizados.

Na fala concreta, como vimos, leva-se em conta uma série de juízos de conformidade segundo o que é congruente (com respeito ao falar em geral), correto (com respeito a uma língua) ou adequado (com respeito a um texto concreto). Como o que é adequado é ser concernente a uma situação comunicativa determinada, torna-se perfeitamente possível anular ou suspender as normas do falar em geral e de certa língua para se atender ao propósito comunicativo-expressivo de um texto. Com a ressalva de Coseriu:

Como es natural, la anulación sólo tiene lugar quando la infracción de la corrección o la incongruencia es intencional, i.e. buscada o querida. Cuando alguien no sabe como es lo congruente o lo correcto y habla, sin intención, incorrecta o incongruentemente, siguen existiendo la incorrección o la incongruencia. Ahora bien, si son intencionales, siguen existiendo, pero non sólo son toleradas sino reconocidas precisamente como lo necesario. (1992, p.202-3)

Coseriu (1992, p. 144-5) apresenta um exemplo bem elucidativo sobre a anulação da incongruência pela adequação textual, nomeando este caso de anulação metalinguística. João diz, por qualquer razão, que “três vezes três são dez”. Pedro, então, tendo ouvido o que João disse, comenta: “João disse que três vezes três são dez”. Tal expressão é naturalmente incongruente, por contrariar a realidade. Mas João efetivamente a empregou. Pedro, se quer informar acerca da realidade do dizer de João, tem de dizer exatamente o que João disse. Pedro utiliza metalinguisticamente a expressão incongruente para dizer o mesmo. Sua informação é, sem dúvida congruente, já que reproduz um fato como ele se passou, com o dizer verbal empregado.

O linguista romeno fala também numa anulação que chama de extravagante da incongruência pela adequação textual, nos casos de uma afirmação intencional ser absurda e incongruente, como quando alguém se vê ante um mundo fantástico, em face da experiência quotidiana, ao ouvir algo incongruente em nosso mundo, mas empregado intencionalmente, como “As árvores falam”.

Um exemplo já da anulação da incorreção pela adequação textual encontramos em Manoel de Barros (2003, p. VIII), em que o escritor do Pantanal mostra a consciência, a intenção, do recurso de que se valeu na fala da mãe:

Quando a Vó me recebeu de férias, ela me apresentou aos amigos. Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez.

Uma leitura mais abrangente da profícua obra do linguista Eugenio Coseriu nos leva inequivocamente a considerar, antes de mais nada, o conceito amplo atribuído por ele à competência linguística e, em relação a esta, ver o falar como norma de todas as manifestações da linguagem, inclusive das lín-

guas, manifestações históricas do falar. O estudo da língua será sempre, pois, o estudo de um aspecto do falar, fundamental, já que o falar é sempre histórico, é sempre falar uma língua. (1961, p.288)

O conceito amplo de competência linguística de Coseriu, nos três níveis por ele reconhecidos, é estendido a vários campos do estudo da linguagem verbal, como os da gramática (gramática geral, gramática descritiva e análise gramatical) ou dos conteúdos semânticos (designação, significado e sentido).

Na verdade, a linguagem é concretamente falar, atividade livre, portanto criadora, finalística. Cremos, assim, estar longe de um linguista estruturalista, se se tiver da obra coseriana a leitura das obras fundamentais, assinaladas ao longo deste presente texto, que irão marcar a sua ideologia linguística. Valhamo-nos de suas palavras, no lúcido ensaio “El lenguaje y la comprensión del hombre actual” (1977):

Como actividade livre, es, asimismo, el primer fenómeno de la libertad del hombre. Como actividade intersubjetiva, es la base de lo social y la forma fundamental de la historicidade del hombre, por lo cual es también instrumento de comunicación y instrumento de la vida práctica. Y como aprehensión del mundo, es supesto y condición de la interpretación del mundo.

Referências

- Barros, Manoel de. *Memórias inventadas. A infância*. São Paulo: Planeteta, 2003.
- Caamaño, Antonio Vilarnovo. *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu*. Madrid: Gredos, 1991.
- Coseriu, Eugeniu. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1962.
- _____. *Sincronía, diacronía y historia*. Madrid: Gredos, 1973.
- _____. *Principios de semántica estructural*. Gredos: Madrid, 1977.
- _____. El lenguaje y la comprensión de la existencia del hombre actual. In: *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977, p. 14-65.
- Coseriu, Eugeniu. Los diminutivos: “noción” y “emoción”. In: *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977, p.160-170.
- _____. Lo erróneo y lo acertado en la teoría de la traducción. In: *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977, p.214-239.

- _____. *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- _____. *Língua e funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Tradução de Maris Christina de Motta Maia. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- _____. *Competencia lingüística: elementos de la teoria del hablar*. Madrid: Gredos, 1992.
- _____. “Au-delà du structuralisme”. *Linguistique e letteratura*, VII, 1-2, Pisa, 1982, p.9-16
- _____. *Lingüística del texto: introducción hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco Libros, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *A linguística do texto: o que é e como se faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983. Série Debates, 1.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão Uchôa. Coseriu e a linguística do texto. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *A linguagem: teoria, ensino e historiografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008 (Lucerna Dispersos).

Nota do editor: articulista convidado.